

A LINGUAGEM DO PADRE VALDIVINO NOGUEIRA

JOSÉ VALDIVINO

Até o século 19, a Igreja brilhava nos seus púlpitos pelo arroubo de imaginação dos seus oradores.



O cuidado no polimento do discurso ressaltava a beleza literária.

Mont' Alverne, no Brasil, e Alves Mendes, em Portugal, deram à Eloquência Sagrada desusado brilho.

No Ceará, dos fins do Século 19 à primeira década do presente, houve um sacerdote, cujos dons oratórios emprestaram à cadeira sagrada invulgar renome.

Trata-se do sr. Padre Francisco Valdivino Nogueira.

Orgulhou-se dêle o Ceará e a fama da sua facúndia atravessou fronteiras.

Merece que lhe rendamos à memória o preito de veneração a que fez jus, pela inteligência e a cultura.

Vejamos, hoje, êsse padre ilustre por quatro facetas: o *homem*, o *orador*, o *epistológrafo* e o *poeta*.

Vejamos o *homem*. A 24 de abril de 1866, em Jurema, município de Limoeiro do Norte, vinha à vida o primogênito Francisco — filho do casal redencionista Valdivino de Souza Nogueira e D. Maria Joana Nogueira.

A viagem fôra longa: de Redenção a Limoeiro e sob os aguaceiros pesados do inverno daquele ano.

A gestante não conseguiu alcançar a casa dos seus pais.

E ali, debaixo de uma oiticica frondente, hoje patrimonio da Prefeitura local, sôbre uma cama de varas feita às pressas, tendo por baixo as águas rumorejantes do Jaguaribe, nasceu • pequeno Francisco, em circunstâncias assim.

Falecido o pai, de cólera-morbus, a 7 de abril de 1879, aquêlê menino, já com 6 irmãos menores, parecia o apontado para arrimo da mãe viúva.

Deus não o quís, porém.

E a mãe, arrastando a viuvez e o acanhamento, veio, pela primeira vez, a Fortaleza, a pedido do filho, que desejava ingressar no Seminário.

Incompreendida aqui, humilhada ali, quase expulsa até — venceu óbices e convenceu vontades!

No início de 1880 era seminarista Francisco Valdivino Nogueira e, em 1883, a mãe consorciava-se com o comerciante Juvenal de Carvalho.

A 8 de dezembro de 1888, a cidade de Redenção assistia, estarrecida, à festa suntuosa da 1.^a Missa do filho de D. Maria Joana de Carvalho.

Estarrecida, sim! — porque, anos atrás, chefe político da terra dissera, fria e francamente: — “*Dona Mariquinha, aceite meu conselho: não ponha seu filho no seminário, porque nunca se viu filho de viúva dar para nada!*”

O filho da viúva leciona, durante 10 anos, no Seminário da Praínha, Português, Latim e História Universal, sendo nomeado, depois, vigário coadjutor de Baturité, pelo Bispo D. Joaquim José Vieira.

Antes, pontificara na “Verdade” — hebdomadário católico de Fortaleza.

Dizem os do tempo que os números do jornal em que escrevia o Pe. Valdivino eram disputadíssimos por gregos e troianos.

Da coadjutoria de Baturité, tomou posse, como vigário, da freguesia de Cascavel, onde a intelectualidade fortalezense o ia buscar tôda vez que era necessário o seu verbo inflamado para maior brilho das solenidades.

Foi membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará.

De elevada estatura, espadaúdo, braços grandes, pulmões fortes, memória angélica, inteligência cultivada — eis as prerrogativas oratórias do Pe. Valdivino Nogueira, o “Crisóstomo Cearense”.

Era senhor de grande fôrça moral, invejável capacidade de trabalho, político, patriota ardoroso e levita de grande ânimo apostólico.

Ficou proverbial, na família, seu acendrado amor filial. Por isso, no dia em que chegou, agonizante, à casa-grande do Engenho Livramento, e a mãe, desolada, perguntou-lhe: Meu filho, sente alguma cousa?, — a resposta foi pronta e lógica: — Sinto a aflição que lhe deixo!

Ao sacerdote que o consulta, à hora da morte, se ainda pode comungar, responde: — “Posso, nem que seja de cabeça para baixo!” É êsse o homem.

Vamos ao *epistológrafo*.

* * *

● estilo epistolar do Pe. Valdivino contrasta com o da oratória: é simples, de periodos pequenos, leve, sem perda da elegância.

A leveza do estilo, a par de uma elegância admirável, concorre para embelezamento do assunto.

Veamos uma carta, dirigida ao Pe. Dr. Misael Gomes, a propósito de um artigo sôbre a aposição do Crucificado no Tribunal do Juri.

Meu caro Pe. Dr. Misael
Viva o Sagrado Coração de Jesus!

Cheguei tarde, mas sempre cheguei.

Está aí o artigo que me pediu. Ei-lo de carreira, quando é costume meu e até hábito meu escrever muito e riscar muito para no fim apurar alguma coisa, que se sofra.

Se não puder sofrê-lo, a culpa é toda sua.

Se me tivesse escrito cedo, era bem possível que lhe pudesse mandar coisa de jeito.

Mas quis fazer de mim uma águia, sem refletir que, além de andar eu sempre terra a terra, era preciso contar com a labuta enorme da Freguesia, que pouquíssimo tempo me deixa para escrever.

Desculpe-me, pois, faça-me a caridade de emendar o que lhe parecer fora da linha, e se de todo não servir, deite-o na cesta dos papéis sujos, que lhe fico agradecido.

Falo sério e devéras. Se, porém, achar que se sofre, bendito seja Deus.

Sempre ao seu dispor o humilde colega e amigo.

PE. VALDIVINO

Redenção, 14 de dezembro de 1916.

As cartas que dirigiu a sua mãe eram de uma ternura doce e respeitosa.

A brevidade do período, a singeleza do assunto, o a propósito dos termos tornam essas missivas modelos acabados no gênero epistolar.

Peço licença para ler duas: uma, à sua mãe — D. Maria Joana de Carvalho; a outra, a seu padraсто — Cel. Juvenal de Carvalho, a quem dedicava profunda amizade:

Minha Querida Mamãe,

Viva o Sagrado Coração de Jesus

Acabo de chegar de uma viagem de 6 léguas muito cansado; e assim, que cheguei fui logo paar a Matriz, onde, além da novena do mês de maio, tive

de atender a outros serviços, de sorte que só agora, seis horas e 36 minutos da noite, é que pude vir fazer-lhe estas linhas.

Não pense a minha querida mãe que eu tenha esquecido o dia 6 de maio. Não, senhora, nem um dos seus filhos aqui, nem um esqueceu o dia bendito do aniversário da nossa doce mamãezinha. Só não telegrafei, porque os telegramas agora estão muito caros e a gente não pôde dizer coisa que sirva, senão pagando muito dinheiro.

E muito dinheiro por aqui é coisa em que nem se fala.

Deus Nosso Senhor, na sua infinita misericórdia, conceda à minha mãe amada muitos anos de vida, feliz, tranquila e cheia de saúde, para felicidade de seu velho querido e dos seus filhos amantísimos.

Deus Nosso Senhor sabe como a vida preciosa desta mãe adorada é a nossa própria vida.

Recebi pelo Zé Ramires a cartinha da minha doce mamãe.

Ainda não tive tempo de escrever a meu padraсто, porque o tempo é pouco para as minhas obrigações, que são muitas e pesadíssimas.

Todos os nossos vão em paz, mercê de Deus.

Só o padre velho é que não fica bom, mas assim mesmo, vai rolando como, Deus é servido, trabalhando sem descanso para lograr um cantinho no céu.

Abençoe os seus filhos e netos e bisnetos, que aqui rogam a Deus todos os dias pela saúde e pela felicidade da mamãe, eu na frente.

Abraçe a Miminha e o Henrique e receba os nossos afetuosos abraços.

Quando escrever para Redenção mande dizer ao pai que tenha paciência que logo escreverei.

Todos os sentimentos que aqui vão expressos são também para ele.

Mais uma vez abençoe o seu filho, quanto mais velho mais amante da Mãezinha dêle.

PE. VALDIVINO

Cascavel, 10-5-1921

Meu Caro Fadrasto

Viva o Sagrado Coração de Jesus

Tenho duas cartinhas suas a responder, não o tendo feito há mais tempo, porque nesta terra não tenho um momento de meu, tudo é serviço e descanso nem um.

Se ao menos tivesse saúde, mas nem isto me é dado gozar.

Trabalho, porque não tenho outro remédio e Deus Nosso Senhor assim quer.

Felizmente me acompanha uma grande consolação, que é a bendita me-
lhora de minha mãe, cuja vida é muito mais preciosa e muito mais necessária do
que a minha. Mil graças a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Escrevi hoje para ela, dando-lhe conta da surpresa que me fizeram no dia
24 de abril.

Foi uma festa muito superior aos meus merecimentos.

Mas de tudo, o que melhor me soube ao coração foi o presente e o tele-
grama que recebi de meus pais, já no dia 25; tanto que, no dia 24, esperei todo
o dia e fui me deitar desconsolado. Felizmente, a 25, recebi um de vncês. e outro
do Presidente.

Se não fôsse o telegrama dos queridos pais, acredite que a festa para
mim teria sido uma verdadeira tristeza.

Aqui estão todos com saúde, menos eu; assim mesmo vou me arrastando,
como Deus é servido.

Abrace e abençoe o filho que muito o ama e venera.

PE. VALDIVINO

Caçavel, 17-5-20

Os assuntos familiares são os mesmos: seu precário estado
de saúde, sua paróquia, a saúde de sua mãe, etc.

Mesmo assim, porém, não cai no ridículo, não enfraquece
o estilo, não torna chã a linguagem.

E isso é segrêdo só dos mestres.

* * *

Ninguém, no Brasil, foge, geralmente, ao dom da poesia.
Poeta, no sentido real do termo, não foi o Pe. Valdivino
Nogueira.

Mas as estrofes que deixou permitem sentir o grau de ins-
piração do grande sacerdote, o sentido estético que sua alma
imprimiu no verso que sai fluido e sonoro.

Seu estro ia abeberar-se ora nas fontes de piedade, com
sua musa, a Virgem Maria, ora nas graças do seu grande amor
filial.

Examinemos o soneto — “Inocência”:

“Purpúrea rosa num sertão maninho,
 Erma de afetos, mas pudica e bela,
 Humilde e casta e no viver singela,
 Só ama o orvalho que lhe cai do espinho.

E para a virgem divinal capela,
 Despreza as pompas, não tem medo à morte,
 Sempre serena nos vaivens da sorte,
 Erma de afetos, mas pudica e bela.

Vive da vida dos gentis arcanjos,
 — Filha do céu, porque é irmã dos anjos,
 Níveo condor, tem junto a Deus seu ninho.

Tal a inocência... sempre pura, esquilva,
 Humilde e casta e do dever cativa,
 Só ama o orvalho que lhe cai do espinho”.

Que delicado lance de inspiração! O 6.º mandamento, aqui, é uma flor, humilde e esquecida, castamente sòzinha, cujo amor, de que se nutre, é uma gota de orvalho, caída de um espinho. . .

A urdidura do soneto condiz com o fino rendilhado do motivo: é decássilabo, com acentuação, geralmente, na 2ª, 4ª, 8ª e 10ª, para que haja uniformidade de cadência e ressalte a majestade do assunto.

Quanto à técnica do verso, o Pe. Valdivino abandona os dogmas clássicos, repete versos de estrofes anteriores, as rimas são diferentes de um quarteto para outro, e o 4º verso da 1ª estrofe é o que fecha o soneto no último terceto.

“Dores Íntimas” é dedicado a sua querida Mãe, D. Marquinhinha de Carvalho.

Aqui, há um diálogo entre mãe e filho, diálogo afetuoso entre duas almas queridas:

“Meu filho, enxuga as vagas do teu pranto,
 Expulsa essa tristeza do teu peito,
 Tens dentro dalma um temporal desfeito
 Que não te deixa ver da vida o encanto.

Não sei o que te leva a sofrer tanto. . .
 Atende ao meu conselho, sem despeito,
 Ergue a taça da vida, é o teu direito,
 E bebe da ventura o néctar santo”.

— Senhora! a vida é sonho vaporoso,
 Que a realidade, célere, destroi,
 Num despertar acerbo e doloroso.

Eu sou, nas dores físicas, herói;
 Nada me sofre o corpo vigoroso,
 Senhora! é só o coração que dói! . . .”

O quatorzeto está todo enquadrado nas régras clássicas.
 As rimas, algumas ricas, são intercruzadas, tendo o soneto
 uma chave de enternecido desfecho.

Chamam o sr. Durval de Moraes “ o poeta de Nossa Senhora”.

Está incluso nessa lista o Pe. Valdivino Nogueira.

A maior parte de suas composições poéticas são inspiradas
 em Nossa Senhora, sua especial devoção.

No poema, “O Poder de Maria” — o verso é alexandrino,
 tipo parnasiano, com abundância de substantivos e de expres-
 sões vocativas, cadência pomposa, rimas de palavras em tônicas
 finas ou de vocábulos em sílabas átonas, o que permite dar ao
 verso um tom de discreta majestade:

Senhor! Senhor! és grande! adoro o teu poder!
 Na infinita amplidão eu vejo os céus jocundos
 Em estrófes de sombra e luz entretecer
 O poema sideral do Criador dos mundos!

E assim, o monte, o vale, os bátratos profundos,
 O inseto, a fera, a planta e a flor a rescender,
 A passarada, o rio, o lago, e os mares fundos,
 E o homem — rei de amor, de crença e de saber!

Tudo, Senhor! conclama o teu poder sublime!
 Tudo: a virtude e o vício e a honestidade e o crime
 E o céu, a terra e o mar em límpida harmonia!

Até por mim, Senhor, o teu poder se afina...
 Mas, que digo meu Deus! o teu poder se inclina
 No poder de tua mãe, aos rogos de Maria!...

Há, na bagagem poética do Pe. Valdivino Nogueira muitas joias de real brilho, por êle lapidadas, não para deixar à literatura contrerrânea, mas para oferecê-las aos seus intimos.

Vejamos a última parte dêste trabalho.

Vamos ver o orador.

Há duas obras póstumas do grande tribuno: "Discursos" e "Florilégio" — a primeira prefaciada e compilada pelo Pe. Rodolfo Ferreira da Cunha em 1935; a segunda, prefaciada e compilada por mim, em 1938, — ambas dadas à publicidade às expensas do Cel. Juvenal de Carvalho, padrasto e amigo do Padre.

E é alentada a herança oratória do Pe. Valdivino Nogueira.

Observemos, mais ou menos, de perto, apenas alguns desses discursos, cuja linguagem é ouro de lei e modelo acabado para as tendências retóricas do tempo.

Sua oratória, argamassada na Filosofia e na Teologia, é documento vivo de grande talento e profundo saber.

O período é pomposo, diríamos — condoreiro — cheio de lances felizes, imagens fortes, tropos e demais figuras literárias.

Predomina o período longo, à Rui Barbosa, terminando a última oração com graça e harmonia musicais.

A adjetivação é abundante, sem ridículo, de modo que a idéia aparece revestida com gracioso donaire.

Todos seus discursos e sermões eram escritos, desbastados, polidos e depois decorados à letra.

Os originais da "Oração Sacra", sua obra prima, compõem-

se de um bloco inteiro de correspondência e que admirável! — apesar dos afazeres da paróquia, foi decorado em 8 dias.

Esse discurso civico-religioso foi pronunciado na Sé de Fortaleza, a 31 de julho de 1903, comemorando o tricentenário da vinda dos portugueses ao Ceará.

O início é de uma refulgência invulgar: “Neste momento augusto, porventura o mais solene da nossa vida de povo civilizado, neste dia memorável, que Deus, sem dúvida, suscitou para os supremos regozijos das nossas almas e para as alegrias impetuosas dos nossos corações, é da altura vertiginosa de três longos séculos de existência que nós volvemos um olhar retrospectivo para as estâncias longinquas do passado, onde fulguram, vivazes, numa irradiação deslumbrante de auroras e de sóis, os mais belos acontecimentos da nossa história de mártires, de heróis e de crentes”.

Dessa tríade — martirio, heroísmo e crença, o orador compôs seu belo monumento literário, do qual o próprio e insuspeito João Brigido chegou a dizer, pelo “Unitário” de 6-8-1903: “A oração do sr. Pe. Valdivino, trabalho inteiriço e duma correção sem jaça, merece a maior divulgação e deve perpetuar-se para modelo da oratória sagrada”.

Termina o eródio numa cambiância de adjetivos, distribuídos numa proposição longa, cita um verso de Camões, que lhe cai ajustado, e começa com um vocativo de que muito gostava: “Senhor Deus! Vós, Senhor, que sois a formosa luz dos espíritos e o belo sol dos corações; que fazeis da pedra bruta rútilos diamantes e de um bloco de granito fonte de água pura; que nas trevas da procela acendeis o brilho do relâmpago e nas trevas da noite a lâmpada da lua; iluminai a minha inteligência com as rubras chamas da vossa inspiração, dai-me “um som alto e sublimado, um estilo grandiloquo e corrente,” — para que a minha palavra seja hoje pelo menos a sombra reveladora das esplendidezas desta festa”.

E começa com aquêlê pensamento que todos já conhecemos:

“A história do Ceará é um poema de dores, porque a vida dos cearenses é um martírio de três séculos.”

Conclui o tema do martírio do Ceará numa combinação maravilhosa de substantivos e adjetivos, para compor o quadro desolador da sêca: “E no meio de tudo isto, no meio dessa natureza, estarecida, morta, esquelética, bárbaramente açoitada pelo sôpre letal de um vento de fornalha — um povo de múmias, escalavrado e roto, mísero proscrito, a juncar as estradas no êxodo lendário, fugindo em balde aos lares desolados na ânsia de viver e morrendo pelos caminhos, famélico e pestoso, longe da terra da promessa, que revia no supremo delírio dos seus sonhos de infeliz!”

O tema sobre o heroísmo começa dêste modo: “A glória do povo cearense é cair como um mártire e levantar-se como um herói”.

O Pe. Valdivino usava com felicidade sincretismos verbais que lhe davam ao período uma nota estética de grande valor.

Falando sobre a fé do povo cearense, diz: . . . “cremos, e a nossa crença, verdadeira e profunda, não *escurenta* a nossa rasa razão”. Vêde lá: *escurenta* em vez de *escurece*.

E mais adiante: . . . “tem nos seguido (a fé) através dos séculos, balsamizando as nossas dores. . .” *Balsamizando* — em vez de o comum *embalsamando*.

A conferência sobre “A Dignidade da Mulher no Cristianismo”, pronunciada na Fenix Caixeiral, é um hino apoteótico à mulher, a mulher reanimada pelas águas lustrais do Cristianismo.

O trabalho do orador é um rendilhado inteligente de literatura e Teologia, numa composição brilhante de arte e cultura.

Em certo passo, procurando ressaltar a grandeza da mulher nobilitada pela Cruz de Cristo até à grandeza de Maria Santíssima, compõe um período que lhe enche uma página inteira, período majestoso, quente, documentado.

Permiti que o leia: “Aquela criatura esquelética, que atravessou as brilhantes civilizações do Egito, da Grécia e de Roma,

vergando ao pêso esmagador da desconsideração universal; aquela criatura desgraçada que não tinha o direito de rir quando o seu senhor chorava, mas que tinha a obrigação de morrer quando o seu algoz morria; aquela criatura indigna, que amargurou os últimos dias de Augusto e se denominou Júlia, que abusou da incrível pusilanimidade de Cláudio e se chamou Messalina, que fez corar de vergonha e de horror as faces lividas de Nero e teve o nome de Agripina; aquela criatura hedionda, ao abrir as portas do oriente o sol auriflamante da Redenção, transfigurou-se numa criatura ideal, subiu às eminências da mais suntuosa dignidade, envervou a púrpura da mais egrégia soberania — a soberania universal dos séculos, e foi Maria Madalena, lavando os pés do Salvador nas ondas cristalinas das suas lágrimas e enxugando-os na toalha cetinosa dos seus cabelos loiros; foi Agueda de Palermo, preferindo um leito de brasas nas ânsias cruciantes do martírio, a um mimoso leito de rosas no palácio monumental de Quinciano; foi Catarina de Alexandria, sustentando com brilho desusado as excelências da sua fé, e vencendo, com a sua palavra inspirada, a crassa ignorância dos filósofos; e, mais que tôdas, numa plenitude transbordante de graças infinitas, numa apoteose grandiosa de eternas claridades auroreais, numa culminação fulgidíssima de glórias imarcessíveis, mais que tôdas e acima de tôdas, foi Maria de Nazaré — a estrêla do mar, a casa de oiro, a rosa do mistério, o vaso de perfumes, a Mãe de Jesus, — foi Maria de Nazaré, edificando no Presepe, chorando no Calvário, triunfando na Ressurreição e subindo ao trono altíssimo de Deus, para eternamente governar o mundo como Rainha dos anjos e dos homens”.

O Padre usa, aqui, *presepe*, em contraposição à 2.^a forma — *presépio*, que usa também, mas em outro sermão.

Gonçalves Viana e Silva Bastos preceituam ambas, enquanto Antenor Nascentes registra apenas *presepe*.

Hoje a tendência é usar *presépio*.

O Pe. Valdivino era mestre na arte da repetição retórica.

O pensamento lhe ficava mais claro, mais forte.

Vejamos, então, quando afirma: "...quando não houver mais profecias, quando não houver mais línguas, quando não houver mais ciência, quando não houver mais fé, quando não houver mais esperança, há de haver sempre caridade, a excelsa, a divina caridade de Jesus Cristo..."

A tendência da época era o enfeite literário. O Pe. Valdivino não fugiu à moda. Em seu sermão — A "Ação Social do Bispo", que é uma admirável lição de filosofia da História, o orador, a certa altura, diz, numa estuante poesia:

"Amar é viver, amar é sentir, amar é ter a intuição maravilhosa dos grandes segredos da vida, é compreender genialmente o que há de belo no grande livro da natureza.

Quem não ama não vive; quem não ama não sente; quem não ama não compreende, não pode compreender a beleza infinita do eterno poema da criação, que Deus escreveu para o homem no fulgor da aurora, no brilho dos astros, no azul do firmamento, no silêncio das selvas, no rugido da fera, no gorjeio da ave, no perfume da flor, no marulho da vaga, na grandeza do mundo!"

O polissíndeto e o assíndeto o Padre-orador empregava-os com a invejável elegância de Bilac ou de Rui Barbosa.

Aqui está o comprovante: "...o amor no cristianismo não vence, aniquila; não encadeia, encarna; não arrasta, açoita, coroa de espinhos, crucifica, mata, ressuscita e prende por todos os séculos o Deus verdadeiro o onipotente Criador do céu e da terra..."

E vêde também o encadeamento lógico dos verbos: crucifica, mata, ressuscita e prende por todos os séculos o Deus verdadeiro, o onipotente Criador do céu e da terra..."

E vêde também o encadeamento lógico dos verbos: crucifica, mata, ressuscita e prende.

Notai como o verbo *prender* dá uma força admirável à proposição.

Em 1920, comemorando-se, em Fortaleza, a trasladação

dos restos mortais dos nossos Imperadores, foi chamado, mais uma vez, ao púlpito da Catedral, o facundo orador.

Já doente, fraco, esclerótico, semiprostrado ao pêso enorme do paroquiato, com 55 anos de idade, mas a sua facúndia ainda brilhou, majestosamente, do alto da Cadeira Sagrada, numa oração fúnebre eloquentíssima.

A elegância estilística não caíra, a fôrça de persuasão a a mesma, o mesmo aprumo de linguagem.

E fôra a sua despedida. . .

A 8 de setembro de 1921 — quando a madrugada vinha chegando, na sala de visitas da casa-grande do Engenho Livramento, em Redenção, fechava os lábios para sempre o maior tribuno sacro do seu tempo.

Eu, criança, dormia, àquela noite, o meu sono bom, quando uma doméstica da velha mansão despertou-me:

“Menino, acorda!” Será que esse verbo soou para mim, como uma profecia?!

Tenho vivido em vigília à obra gloriosa do sr. Pe. Valdivino Nogueira, que, como homem, foi um herói; como sacerdote, foi um apóstolo e como pensador — um esteta — glória do Ceará.